

O fantástico na ourivesaria – o Caquesseitão

Luís Castelo Lopes



Abstract *The representations of the mythological animal known among the Portuguese, as the Caquesseitão, are spread along a timeline from the 10th century to the 17th, and in geographical terms from India, by the Indian Ocean to China and later into Europe.*
As for the materials used, we find ceramics, silver, gold, textiles, coconut shell (the world famous "Coco de mer" from the Seichelles), rock-crystal, among others.
The representations in silver and in textiles are the ones that have a bigger connection with us.
The silver ones appear as big vases or sculptures used as aquamaniles and in the mounts or protections of tortoise-shell caskets.
The textiles are represented as bed-covers or "panos de amarrar", examples of which you can find both in Museu Nacional de Arte Antiga and in the Victoria & Albert Museum.

A designação dada a este objecto, Caquesseitão, vem explicada na obra de Fernão Mendes Pinto "Peregrinação", cap. XIV "Do mais que se passou neste caso, até Pero de Faria me mandar a este Rei Bata, e do que vi no caminho"... "Vimos aqui também uns bichos de aspecto muito novo e estranhos para nós, a que os naturais da terra chamam Caquesseitão, do tamanho de uma grande pata, muito pretos, com as costas em concha, e uma ordem de espinhos ao correr do lombo, do comprimento de uma pena de escrever, e com asas do feitio das do morcego, pescoço de cobra, e uma unha na testa, a modos de esporão de galo, e um rabo muito comprido pintado de verde e preto, como são os lagartos desta terra. Estes bichos voam, a modo de salto, caçam os bugios e bichos por cima das árvores, dos quais se sustentam..."

Dentro das reduzidas representações escultóricas de animais na Ourivesaria portuguesa, só aparecem, tanto quanto me recordo, o mocho, o pelicano, o dragão e o caquesseitão.



Fig. 1 – Jarro em faiança chinesa, da dinastia Liao (907-1125)
(*Empires beyond the Great Wall; The Heritage of Genghis Khan*, N.Y., 1994).

Além desta não se conhecia outra descrição ou representação do objecto, embora em mapas e gravuras antigas surgissem animais fantásticos, mistos de dragão, de peixe, de ave, etc.

No entanto, um jarro para água em faiança chinesa, da dinastia Liao (907-1125), com corpo e cauda de peixe e cabeça de dragão com esporão na testa, asas de pássaro e pega no dorso, apresenta enormes semelhanças com as peças em questão, estando esta peça incluída na exposição “*Empires beyond the Great Wall; The Heritage of Genghis Khan*”, patente ao público no American Museum of Natural History, em Nova Iorque (Outubro de 1994) (Fig. 1).

Entretanto, em 2006, surgiu num catálogo do antiquário Manuel Castilho, um objecto em ouro, designado por “conta-gotas”, exactamente com as mesmas características, conforme descrição de Manuel Castilho no seu catálogo, “...peixe mítico, com asas, dois pés com garras, escamas, cauda de peixe e cabeça de monstro com mandíbula superior revirada...” (Fig. 2)

Os aquamanis em prata do séc. XVII, em forma de caquesseitão, têm todos basicamente as mesmas características, com o corpo coberto de escamas, cabeça de dragão, cauda de peixe, patas de ave e asas articuladas; pega móvel no dorso, cauda como tampa de rosca para a entrada de liquido e boca aberta para a saída; pequena ave colocada na boca, em alguns casos móvel, servindo



Fig. 2 – “Conta-gotas”, em ouro
(Castilho, Manuel, *Catálogo de Arte*, Lisboa, 2006).

de tampa, em outros fixa, mas sempre como alusão à alimentação do caquesseitão. Os encaixes da pega, em todas as peças observadas, estão representados como cabeças de homem barbados de boca aberta.

Quanto às características físicas, dimensões e peso, as peças podem caracterizar-se da seguinte maneira: são conhecidas as dimensões de seis, dos quais cinco têm comprimento e altura entre os 41 e os 48,5 cm., a outra mede 51 por 53 cm. Quanto ao peso, só temos informação sobre os pesos de três, duas pesando 4685 gr. e 4800 gr., e a terceira, a de maiores dimensões, 5875 gramas.

Quatro das peças conhecidas foram transformadas em perfumadores, tendo sido abertos dois orifícios redondos no corpo debaixo das asas e um terceiro, no topo do dorso, com tampa perfurada para sair o fumo. Uma destas tampas, apresenta punções de Braga do final do século XVIII, sendo a única peça ou parte de peça a apresentar qualquer marca. Um dos aquamanis foi posteriormente restituído à sua forma original, tendo sido restaurados os orifícios abertos (Figs. 3 a 7).

Das sete peças conhecidas, três encontram-se em colecções particulares em Portugal, tendo estado patentes nas exposições: “XVII Exposição...”

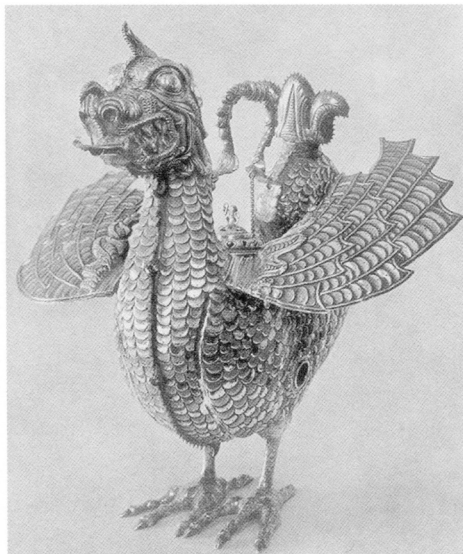


Fig. 3 – Caquesseitão.

Antiga Colecção dos Marqueses de Alegrete (Reinaldo dos Santos e Irene Quilhó, *Ourivesaria Portuguesa nas Coleções Particulares*, Lisboa, 1974).

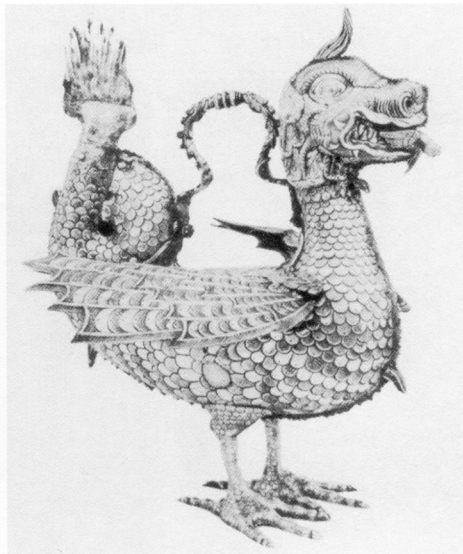


Fig. 4 – Caquesseitão.

Colecção particular, Portugal (foto do autor).

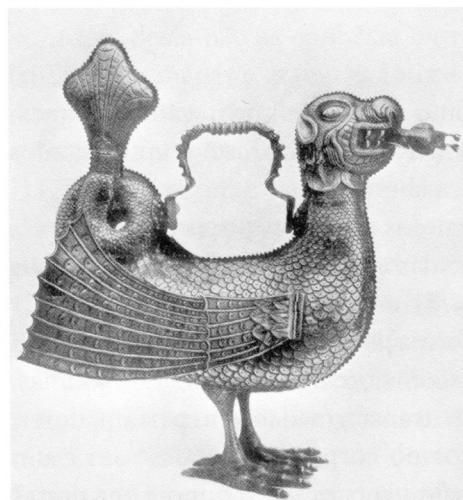


Fig. 5 – Caquesseitão.

Antiga Colecção de Pedro Costa (Reinaldo dos Santos e Irene Quilhó, *Ourivesaria Portuguesa nas Coleções Particulares*, Lisboa, 1974).



Fig. 6 – Caquesseitão.

Colecção particular, Portugal (foto arquivo Palácio do Correio Velho, Sociedade Comercial de Leilões, S.A. 1994).

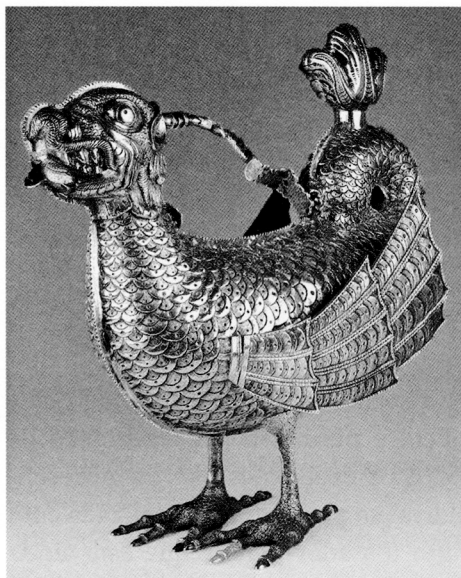


Fig. 7 – .Caquesseitão.

Colecção particular, Portugal (foto arquivo Palácio do Correio Velho, Sociedade Comercial de Leilões, S.A. 2000).



Fig. 8 – Caquesseitão junto com jóias e pratas pertencentes à família Youssoupov, descobertas pelos Soviéticos em 1925.

(Suzy Menkes, *The Royal Jewels*, Contemporary Books, 1990). Detalhe.

Casa dos Bicos, 1983, cat. n.º 91, sem foto, e “D. Fernando II...”, 1986, cat. sem n.º, foto da página 202. Das restantes quatro, uma encontra-se nos Estados Unidos da América, tendo saído de Portugal cerca de 1970/75, outra no Brasil, para onde foi nos anos de 1980, e outra encontrava-se cerca de 1925 na URSS, fazendo parte do conjunto de jóias e pratas, pertencentes à família Youssoupov, descobertas pelos Soviéticos num esconderijo (Fig. 8). O seu paradeiro actual é desconhecido, sendo também a única peça não relacionada com Portugal.

Por último, o aquamanil que pertenceu à colecção de D. Fernando II foi vendido no leilão dos seus objectos pessoais, em 1892, “Catálogo dos bens...”, lote 2366. O seu paradeiro actual é desconhecido. Esta peça está catalogada como século XIX, não sendo no entanto segura esta classificação, tal como o não são outras desse catálogo.

Todas as peças atrás referidas foram classificadas como sendo do século XVII – excepto a de D. Fernando II, mas com as reservas atrás referidas – e de provável influência indo-portuguesa ou oriental, em todas as Exposições, Catálogos e livros de Arte em que foram mencionadas.

A única representação impressa de um caquesseitão é a publicada por Charles L'Ecluse (Carolus Clusius 1526-1609) na sua obra, “Exoticorum libri

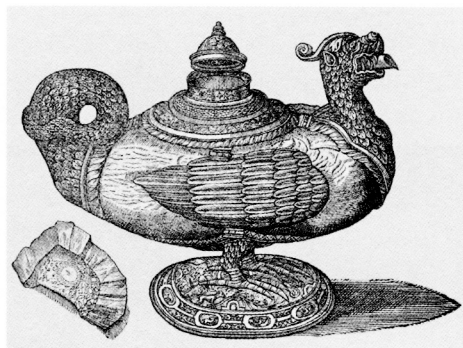


Fig. 9 – Caquesseitão.

Ilustração publicada por Charles L'Ecluse (Carolus Clusius 1526 – 1609), *Exoticorum libri decem...*, Leiden, 1605.

decem...”, Leiden, 1605, em que descreveu todas as espécies exóticas, animais ou vegetais, que conseguiu obter. Vivendo em Leiden, pode observar os espécimes trazidos de todo o Mundo pelos navios que chegavam à Holanda.

O papel desempenhado por este autor na representação do caquesseitão, penso que não foi ainda suficientemente realçado.

Tendo em conta o cuidado que L'Ecluse punha na representação de todos os espécimes que lhe apresentavam, a sua descrição do “Coccus de Maldiva” só pode ter sido realizada com base na análise directa do objecto. É muito tentador pensar que este ainda existe e que um dia vai aparecer (Fig. 9)!

Essa observação pode ter ocorrido na década de 1570, quando L'Ecluse realizou uma viagem de investigação botânica por Portugal e Espanha. Por esta altura, já Fernão Mendes Pinto (1509 – 1583) tinha regressado das suas aventuras e tinha pronta a sua obra “Peregrinação”, que, no entanto, só viria a ser editada muito depois da morte, em 1614. Sabendo-se da imensa curiosidade de L'Ecluse e da sua constante procura de informação, é possível que se tenha encontrado com Mendes Pinto e recebido dados do navegador e aventureiro português.

A designação de “Coccus de Maldiva” surge pelo facto de estes cocos, originários do arquipélago das Seichelles, serem encontrados pelos navegadores nas ilhas Maldivas e não ser, ainda, conhecida a sua origem. Também surge a designação “coco de mér” pela mesma razão surgindo os cocos a flutuar no mar.

Outras representações do caquesseitão aparecem em outros materiais, como é o caso das colchas indo-portuguesas do séc. XVII, por exemplo, as que fazem parte do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga (Figs. 10 e 11); em cristal de rocha, como as peças do Museu Rezidense, em Munique, e uma outra da colecção do Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque (Figs. 12 e 13).

Ainda surgem outras representações deste animal mítico nas protecções e ferragens de prata nos cofres em tartaruga, pertencentes a algumas colecções particulares ou institucionais, como seja o caso da Igreja Paroquial do Montijo (Figs. 14 e 15).

Finalmente, e regressando aos objectos integralmente em prata, temos até ao momento duas salvas com caquesseitões, sendo uma da colecção do Museu do Caramulo (Fig. 16), também invulgar pelas suas pequenas dimensões, e

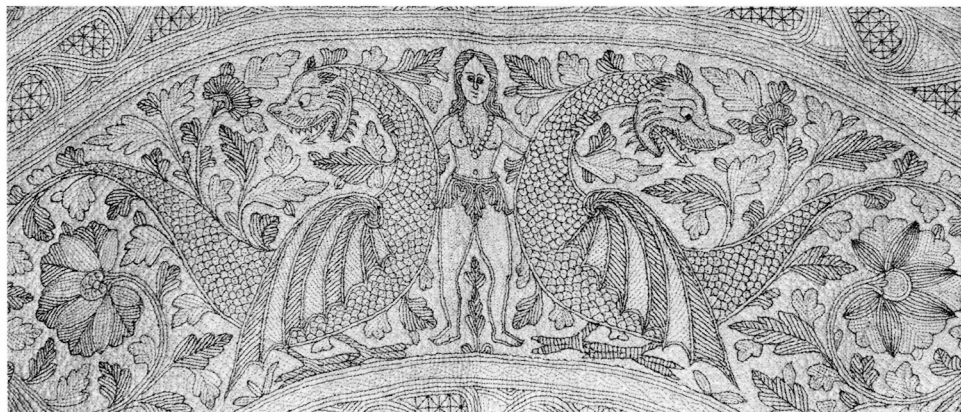


Fig. 10 – Colcha indo-portuguesa.

Colecção do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (foto de arquivo). Detalhe.

outra de uma colecção particular em Lisboa, ambas apresentando este animal no medalhão central (Fig. 17).

Fui entretanto informado, pela Sr.^a Dr.^a Luisa Penalva da existência de representações do caquesseitão na parte posterior de uma Estante de Missal, trabalho indo-português do século XVI, proveniente do Convento do Carmo, na Vidigueira e que faz parte do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga.

Espero que esta pequena resenha, sobre a fantástica figura do caquesseitão, contribua um pouco para a História da Ourivesaria em Portugal¹.

Bibliografia:

Catálogo da Exposição “Empires beyond the Great Wall; The Heritage of Genghis Khan”, N. Y. 1994.

Catálogo da Exposição “Exhibition of Portuguese Art 800-1800”, London, 1955-56.

Catálogo da “Exposição de Ourivesaria Portuguesa e Francesa”, Abril – Maio 1955.

Catálogo do Núcleo da Casa dos Bicos da “XVII Exposição de Arte Cultura e Ciência do Conselho da Europa”, Lisboa, 1983.

¹ Por vezes os atrasos tem as suas vantagens, quando já tinha terminado a revisão das provas do texto acima e fazia uma outra busca, na Internet, sem qualquer relação om o Caquesseitão, vim a descobrir um exemplar no Castelo de Ecouen, Museu da Renascença em França. Trata-se de uma peça em tudo semelhante às outras já conhecidas, existem agora duas hipóteses, ou se trata do oitavo Caquesseitão ou então é um dos objectos sem imagens e de paradeiro desconhecido ate ao momento, talvez o da colecção de D. Fernando II, vendido no leilão dos seus bens em 1892!

Estou sempre disponível para contactos sobre o caquesseitão ou sobre ourivesaria em geral: lcl@pcv.pt



Fig. 11 – Colcha indo-portuguesa.
Colecção do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa
(foto de arquivo). Detalhe.



Fig. 12 – Vaso em cristal de rocha e ouro.
Colecção do Museu do Palácio Residenz de Munique
(foto do autor).

Fig. 13 – Vaso em cristal de rocha e ouro.
Colecção do Museu Metropolitan de Nova Iorque
(foto do autor).



Fig. 14 – Cofre em tartaruga e prata.
Colecção particular, Portugal (foto de arquivo Palácio do Correio Velho,
Sociedade Comercial de Leilões, S.A. 2006).



Fig. 14a – Detalhe do canto do
cofre em tartaruga e prata.



Fig. 15 – Cofre em tartaruga e prata.
Colecção particular, Portugal (foto de arquivo do autor).



Fig. 15a – Detalhe do Cofre em tartaruga e prata.



Fig. 16 – Salva em prata portuguesa com caquesseitão.
Colecção do Museu do Caramulo, foto do catálogo do Museu.



Fig. 16a – Detalhe do medalhão central.



Fig. 17 – Salva em prata portuguesa com caquesseitão.
Colecção particular, Portugal (foto de arquivo Palácio do Correio Velho, Sociedade Comercial de Leilões, S.A. 2000).



Fig. 17a – Detalhe do medalhão central.